

OS FIOS DE UMA REDE

JOSELY CARVALHO

[Artista plástica]

Tempo e espaço. Memória, história. Corpo, política, presente social. Esses são os principais elementos que se interligam em minha obra, que tecem a rede do “fazer arte” para mim. O corpo foi meu primeiro mapa, o primeiro dado geográfico, que me levou até a mulher como alicerce das minhas pesquisas. O feminino como origem manteve minha perspectiva centrada, eixo no desenvolvimento do meu *Diário de imagens*.¹ A isso se uniram minhas experiências pessoais, o tempo em que vivi como artista em várias comunidades no México e nos Estados Unidos nas décadas de 1970 e 1980. Fios da teia que fortaleceram minha base política, levando-me a incorporar a definição de artista como trabalhador.

Leste, oeste, norte, sul. O espaço do artista não se limita à geografia. Na Bacia Amazônica, encontrei meu avatar. A tracajá, uma pequena tartaruga de manchas amarelas em processo de extinção. Esse animal apoderou-se do meu corpo no início dos anos 80, e com ele me perdi no tempo e atravessei espaços, viajando por mares distintos. Parei de porto em porto para observar como certas espécies – como a própria tracajá – voltam às areias de origem para procriar. O tempo se perde na imensidão do oceano, mas os anos não interferem na memória genética.

Nessa narrativa sem começo nem fim, os fragmentos apresentam-se de maneira solta. Com significados em si mesmos, mas também com novos contornos diante da totalidade do quadro que se apresenta. Diferentes fragmentos que, sozinhos, trazem uma interpretação, mas que, combinados, carregam outras denotações,

1. Toda obra que faço está inserida no *Diário de imagens*, uma contrapartida visual de um diário escrito.

independentemente do tempo marcado segundo a segundo pelo relógio, além de qualquer espaço físico.

O corpo, virtual ou físico, enrola-se no processo, enquanto o social e o político embrenham-se no conteúdo. Perda, desabrigo, a violência do patriarcado que substitui a figura poderosa da Grande Mãe. Mitos que vêm e vão, costurando o tempo e trazendo significados milenares a acontecimentos contemporâneos. O sangue que hoje corre na terra que nasceu entre dois rios une-se ao massacre de milhares, naquilo que um dia foi o Império Otomano, e meu trabalho denuncia as atrocidades da Guerra do Iraque e do genocídio dos armênios na Turquia. História, memória, presente e passado. A arte é participação, não proteção.

Dos tabletas de barro com inscrições cuneiformes da antiga Babilônia veio a matéria para a denúncia, gravando a memória de um povo destruído, um povo fragmentado e que luta pela impossibilidade de conviver com a alteridade. Da História, saem elementos para enraizar significados presentes, para fortalecer identidades esfaceladas. O passado mediado por processos digitais não mais se deteriora e torna possível a interação, a participação, a manifestação. A materialidade do real ganha contornos fluidos do virtual, paradoxalmente mais sólida. Em um mundo instável, em que artefatos históricos são destruídos por bombas ou saqueados pelo homem, a internet ganha contornos de estabilidade. Os tabletas com escrita cuneiforme são agora virtuais, mas quiçá mais sólidos, perenes e arquivados para o futuro. É a (i)materialização de *Salmu*, palavra sumeriana normalmente traduzida como estátua, que incorpora o real e a ilusão, a representação, a ficção, a realidade retrabalhada. *Salmu*² torna-se mais: transforma-se na arqueologia do desejo, no fluxo da vida.

2. *Salmu*. Instalação apresentada na Pinacoteca do Estado de São Paulo em janeiro/março de 2007. Essa instalação continua a série “Tempos de luto” iniciada em 1991 com a Guerra do Golfo e posterior invasão de Bagdá pelos Estados Unidos.

O mesmo barro usado como suporte para as escritas milenares também é usado na fabricação de telhas. Telhas que uma vez vi empilhadas numa praia no Morro de São Paulo, esperando para serem manuseadas como páginas de um livro mítico, um livro ao mesmo tempo sólido e etéreo, que transpassa tempo e espaço e ganha dimensões além do físico. No *Livro das telhas*,³ o concreto é construído por meio de *bits*, numa realidade digital capaz de prender à mesma teia artista e platéia, público e obra, numa construção infinita, que caminha com a determinação da tracajá, que sabe que o tempo é sempre relativo.

Sem começo nem fim, o *Livro das telhas* encontrou na arquitetura do *website* a simulação do trabalho repetitivo dos operários que produzem, carregam, empilham e colocam as telhas de barro. O *loop* básico na programação da computação é usado como metáfora desse trabalho que não tem fim. A tartaruga transita pelo espaço virtual levando o usuário a colaborar na construção de um teto cibernético. Uma montagem composta de associações históricas, colaborações, memórias individuais e coletivas – marcas da necessidade básica de proteção. A questão do abrigo se faz presente na metáfora contemporânea das guerras imperialistas e corporativas, conflito mundial que ganha dimensões locais trágicas nas guerras étnicas e religiosas e na diáspora provocada pela economia.

Aos poucos a seta do tempo ganha dimensões circulares. E o ciclo do tempo não pára. Em minhas mãos, argila, água, fogo, pedra, concreto, vidros, plantas. Uma estação do Metrô de São Paulo⁴ que pretende rememorar um dos vários grupos de imigrantes que construíram a história da cidade. Espaço que se transforma, sob meu

3. *Book-of-roofs/Livro das telhas*. Projeto construído com 3.000 telhas-páginas virtuais (www.book-of-roofs.net) e em tempo real no formato de instalações de vídeo, som, gravura e escultura, 1995, em processo.

4. Memorial Armênia. Estação Armênia, Metrô de São Paulo, 1995.

olhar, em visões que se entrelaçam – a memória essencial armênia penetra nas histórias híbridas acarretadas com o tempo. Do interior sul, o usuário penetra com seu olhar no espelho d'água através da leitura do primeiro texto da literatura armênia oral, os *Cantos de Vahakn*, jateado nos vidros transparentes em português e armênio entre colunas sustentadas pelos pássaros da vida e da morte:

Padeciam Céu e Terra das dores do parto / Das dores do parto
 padecia o purpúreo mar / O caniço vermelho, no meio do oceano
 / Sofria também a dor do partejar / Pelo talo do caniço saía fumaça
 / Pelo talo do caniço subiam labaredas / Até que das labaredas bro-
 tou um jovem / Tinha cabelos de fogo / Tinha barbas de chama /
 Tinha dois olhos que eram sóis.

Quem entra pelo outro lado, dá de cara com o espelho d'água, e é impossível deixar de ler o texto da poetisa contemporânea norte-americana de ascendência armênia Diana der Hovanessian:

Filhos da diáspora / Filhos da destruição / Filhos do massacre /
 Dispersos pelo mundo / Crescendo em terra estranha / Persegui-
 dos por dois milhões de fantasmas / Teus filhos, quando adorme-
 cem, Mãe Armênia / Te sonham em línguas estrangeiras.

E me pergunto: é possível colorir a argila queimada com o vermelho profundo do pôr-do-sol?

A memória de minha infância me persegue em meu trabalho de artista. Quando criança, não podia brincar na rua. O portão de madeira me protegia e me separava do real. Transpus o portão e me encontrei com meninos embalados pela cola na praça da Sé; e com meninas que tinham na prostituição a única alternativa de sobrevivência. Encontrei crianças fazendo poesia na Casa da Passagem,

em Recife; meninos brincando de capoeira em frente ao Mercado Modelo, em Salvador; outros pagando pelo direito de dormir nas ruas do Rio de Janeiro. Olhando meu próprio filho, senti o medo de ver uma criança crescer em Nova York, o medo da violência que se instaura nos parques, atravessa as ruas e frequenta a escola. Medo do revólver que substitui o material escolar.

Senti saudades do portão. Do tempo em que estava segura, que fitava o lado de fora com curiosidade, ansiosa pelo mundo que eu não conhecia. O ciclo do tempo dá mais uma volta e, com ele, nascem *Cirandas*,⁵ conjunto de trabalhos que tem em si toda a seriedade da sobrevivência e, ao mesmo tempo, toda a alforria da brincadeira. Uma fantasia que nos convida a sonhar, ao mesmo tempo em que nos revela sua realidade.

A tartaruga marinha caminha a passos lentos, fitando o imenso oceano que a espera. Une presente, passado e futuro, retornando ao lugar em que nasceu para deixar promessas que ainda se cumprirão. As tartarugas carnívoras na Índia são lançadas ao Ganges e, nas águas sagradas do rio, devoram cadáveres, assegurando que as almas dos defuntos encontrem onde reencarnar. Enquanto isso, eu, *Tracajá*, sigo meu rumo, ciente de que levo minha história e o desejo inquieto de constantemente me reinventar e renascer.

5. *Cirandas*. Série de instalações construídas por vídeo, projeção de diapositivos, serigrafia, vozes e balas perdidas, 1994-1995.